



Desenvolvimento Regional em Debate
ISSN: 2237-9029
valdir@unc.br
Universidade do Contestado
Brasil

PACTOS SOCIOTERRITORIAIS PARA O VIVER BEM

Filho, Ener Vaneski

PACTOS SOCIOTERRITORIAIS PARA O VIVER BEM

Desenvolvimento Regional em Debate, vol. 7, núm. 2, 2017

Universidade do Contestado, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570863192013>

DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v7i2.1558>

PACTOS SOCIOTERRITORIAIS PARA O VIVER BEM

Ener Vaneski Filho enervan@yahoo.com.br
Universidade Federal do Paraná, Brasil

DALLABRIDA Valdir Roque. Teorias do desenvolvimento: aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países. 2017. Curitiba. CRV. 1pp.

RESENHA DO LIVRO

Desenvolvimento Regional em Debate,
vol. 7, núm. 2, 2017

Universidade do Contestado, Brasil

Recepção: 18 Setembro 2017
Aprovação: 19 Setembro 2017

DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v7i2.1558>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570863192013>

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Teorias do desenvolvimento: aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países.** Curitiba: CRV, 2107. 238 p.

O livro do Professor e Pesquisador Valdir Roque Dallabrida sintetiza de forma objetiva e didática em uma abordagem multidisciplinar o conjunto de *teorias, enfoques ou abordagens teóricas* que genericamente são chamadas de Teorias do Desenvolvimento, sempre com ênfase na dimensão espacial do processo histórico. A obra sistematiza desde reflexões sobre o sentido do desenvolvimento até a questão chave do livro: porque algumas regiões se desenvolvem e outras não, ou ainda, como identificar os diferentes níveis socioeconômicos e projetos de futuro de diferentes territórios, lugares, regiões ou países.

O autor destaca que o desenvolvimento difere de crescimento econômico e não é uma receita e nem um estágio a ser transposto, e sim um processo de mudança situado histórica e territorialmente. Como bem lembrado pelo autor, o livro se destina a um público amplo, não se restringindo ao universo acadêmico monodisciplinar. Utilizando-se de conceitos básicos de Economia, Geografia, Sociologia, Ciência Política e de temas comuns à preocupação de gestores, empresários, estudantes, educadores, lideranças locais e regionais, ativistas e todos os que buscam o verdadeiro desenvolvimento de um território específico, a leitura é útil àqueles que pretendem aprofundar seus conhecimentos sobre as teorias do desenvolvimento.

Utilizando mais de quatro centenas de referências, obras clássicas, contemporâneas, livros, capítulos, artigos e coletâneas dos principais autores, a obra apresenta um verdadeiro *dicionário* sobre desenvolvimento territorial, cujo conteúdo está comentado em notas de rodapé. Juntas somam praticamente 500 verbetes, indicações de leituras e explicações

para os leitores que desejem aprofundar a análise instigante, crítica, histórica e escalar do desenvolvimento.

O livro está organizado em cinco capítulos. No primeiro encontra-se uma abordagem da teórica econômica clássica, de autores com enfoques espaciais ou de crescimento regional, como: Smith, Ricardo, Marx, Marshall, Shumpeter, Keynes, North, Rostow, Myrdal, Hirschman, Perroux, Solow, Romer e Lucas. Na sequência, encontram-se abordagens sobre a Ciência Regional e a contribuição de autores neomarxistas, como Samir Amin, Guder Frank, Paul Baran e Rui Mauro Marini.

Também é dado destaque para a importante diferenciação entre os autores da teoria da dependência. De um lado os “Weberianos” e a defesa do desenvolvimento industrializante-associado, e de outro, os da corrente marxista que propunham um rompimento da periferia com o centro, com destaque para Rui Mauro Marini.

Resgatam-se, ainda, as ideias dos Fisiocratas Franceses, que viam o desenvolvimento como crescimento do excedente da produção agrícola até o enfoque da Ciência Regional: trata-se de um grande percurso histórico, onde não se pode deixar de destacar o que o autor sinaliza: “[...] a questão do subdesenvolvimento/dependência aparece diagnosticada pela maioria dos autores, porém eles divergem quanto à direção da determinação” (p. 64).

O segundo capítulo, por sua vez, tem como foco a contribuição de teóricos Latino-americanos. Nele é apresentado o chamado “Estruturalismo Latino-americano” com temas, tais como, Trocas Desiguais, distribuição dos meios de produção (Reforma Agrária); teoria do Centro-periferia e da Dependência; análise da Divisão Internacional do Trabalho entre 1880 e 1945, as quais mostram a deterioração das relações de troca em desfavor aos países da região (crescimento empobrecedor). Assim, há destaque para as contribuições de Raul Prebisch e Celso Furtado, autores que trabalharam na Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), que podem ser considerados “desenvolvimentistas”. Ainda são lembrados os autores da corrente Neoliberal e Socialista, os últimos, como Caio Prado Junior, Nelson Werneck Sodré e Alberto Passos Guimarães e, em uma posição independente, Inácio Rangel.

Ainda com relação ao segundo capítulo, defende o autor que o Pensamento Neoliberal tinha como expoentes no Brasil Roberto Simonsen, Roberto Campos e João Paulo de Almeida Magalhães. A corrente por eles representada conseguiu lograr êxito com sua teoria e a aplicação de seus modelos também na Argentina terminou em projetos de privatizações em ambos os países.

O terceiro capítulo é onde temas “atuais” do desenvolvimento (local, regional e territorial) são apresentados. Segundo o autor, os elementos comuns aos três conceitos são: (i) referem-se a um processo de mudança estrutural localizado; (ii) remetem a uma responsabilidade fundamental da sociedade regional; (iii) incluem a dinamização socioeconômica associada à melhoria da qualidade de vida da população. Aqui é lugar de discussão e apresentação de conceitos como: a acumulação flexível

ou especialização flexível, a Escola da Regulação de origem Francesa, os Distritos Industriais Italianos, a Economia Evolucionária, o Meio Inovador, Sistemas de Inovação, Regiões Inteligentes, Classe Criativa e Regiões Engenhasas, Institucionalismo e Neoinstitucionalismo, Nova Economia Institucional e Capital Social.

O autor se preocupa nessa parte do livro em resgatar abordagens de vanguarda sobre o impacto do desenvolvimento de países, regiões e territórios, apresentando importantes enfoques sistêmicos sobre desenvolvimento territorializado e a relação sociedade, economia e meio ambiente, tais como: Ecomarxismo, Ecofeminismo, Decolonialidade, Pós-Desenvolvimento, Economia Circular e Sistemas Agroalimentares e Agroflorestais.

O autor aponta no quarto capítulo que a abordagem territorial ganhou destaque juntamente com a (re)valorização do rural, tentando superar o viés demasiadamente setorial, até então predominante no Brasil. Assim, abordam-se temas como patrimônio territorial, revalorização territorial, territorialidade, identidade territorial, ancoragem territorial, ativos e recursos territoriais, governança territorial como método para gestão do território, quadros, atores, poderes, relações, processos de decisão, coordenação de políticas, resultados dos processos de governança territorial e desenvolvimento territorial.

A força que ganha o título territorial está relacionada também à crise do Estado. A perda crescente de seu poder de regulação da economia privada, que seria resultado de transformações socioeconômicas e do esgotamento do modelo fordista de produção, que paulatinamente vai dando lugar ao processo de reestruturação contemporâneo do capitalismo e uma acumulação flexível, baseada na descentralização das plantas fabris resultado de uma maior mobilidade no espaço.

Finalmente, o capítulo que encerra o livro tenta resgatar o “real sentido de desenvolvimento”, optando em chamar o “desenvolvimento” pelo conceito de desenvolvimento territorial, compreendido como “[...] um processo de mudança estrutural empreendido por uma sociedade organizada territorialmente, sustentado na potencialização dos recursos e ativos (materiais e imateriais, genéricos e específicos) existentes no local, com vistas à dinamização socioeconômica e à melhoria da qualidade de vida de sua população”[2]. Em suma, as teorias do desenvolvimento e uma síntese integradora são apresentadas em quadros extremamente didáticos, apontando-se, ainda, seus limites.

Destaca o autor, pensadores do tema como Amartya Sen e Cornelius Castoriadis que relacionam o desenvolvimento com um “estado de felicidade” da pessoa humana, contemplando a multidimensionalidade do desenvolvimento: social, econômica, cultural, política, espacial e histórica.

Em suas considerações finais Dallabrida resgata o pensamento de Celso Furtado que destaca que o desenvolvimento tem sido contemporaneamente interpretado em dois sentidos distintos. O primeiro diz respeito à evolução de um sistema social de produção, à medida que este, mediante a acumulação de riquezas e o progresso das técnicas, torna-se mais eficaz, ou seja, eleva a produtividade do conjunto

de sua força de trabalho. E o segundo relaciona-se com o grau de satisfação das necessidades humanas. O último está de acordo com o pensamento de Dallabrida, em consonância com Sen e Castoriadis.

O autor conclui então que o desenvolvimento deve ser conceituado segundo a acepção atribuída ao desenvolvimento territorial, ancorando-se em um território historicamente construído, na dimensão escalar, outorgando-se, portanto, conteúdo espacial, prevendo a mudança contínua para melhoria da qualidade de vida, por meio da construção de pactos socioterritoriais.